

Saúde. Estudo do Instituto Nacional do Câncer (Inca) mostra, além dos tumores malignos mais comuns, os produtos cancerígenos e a atividade econômica a que estão ligados, como a de cabeleireiros, agricultores, profissionais da construção civil e indústria do petróleo

Levantamento do Inca lista 19 tipos de câncer ligados à profissão do paciente

Clarissa Thomé / RIO

Dos 500 mil casos de câncer registrados todos os anos, pelo menos de 20 mil a 25 mil estão relacionados à ocupação do paciente. Um levantamento do Instituto Nacional do Câncer (Inca) lista 19 tipos de tumores malignos – entre os de pulmão, pele, fígado, laringe e leucemias – que podem ser provocados pela exposição a produtos químicos e falta de equipamentos de segurança adequados.

Os dados fazem parte do estudo *Diretrizes para Vigilância do Câncer Relacionado ao Trabalho*, divulgado ontem, véspera do Dia Internacional do Trabalho. A estimativa de 20 mil a 25 mil casos pode ser conservadora – leva em conta pesquisas europeias, que apontam que 4% dos novos tumores são ligados à ocupação. “Considerando o ambiente de trabalho, maquinários obsoletos, processos ultrapassados, os trabalhadores brasileiros estão ainda mais expostos que os europeus. Em alguns tipos de tumor, podemos trabalhar com uma proporção de 8% a 16% dos novos casos”, ressalta Ubirani



KEINY ANDRADE/AE-8/10/2009

Ocupação arriscada. Carvoeiros são uma das categorias profissionais mais suscetíveis

Otero, coordenadora do estudo e responsável pela Área de Vigilância do Câncer Relacionado ao Trabalho e ao Ambiente do Inca. O documento recomenda co-

mo principal estratégia para a redução do número de tumores malignos a eliminação da exposição aos agentes causadores. Além de listar os cânceres rela-

cionados ao trabalho, o estudo indica os produtos cancerígenos e a atividade econômica a que estão ligados, como a de cabeleireiros, agricultores, profissionais

TRÊS PERGUNTAS PARA...

Luiz Antonio Santini, diretor-geral do Inca

1 O estudo mostrou que há dificuldade de obtenção de dados que permitam ligar casos de câncer ao trabalho. É importante melhorar esse tipo de informação?
Esse talvez seja o ponto mais importante desse estudo – fazer a correlação de causalidade do câncer aos fatores de risco. Temos vários sistemas de informação, que deveriam ser articulados e ainda não são. Temos um sistema de vigilância muito falho.

2 Há alguma ocupação que possa ser considerada mais arriscada que outra?
Há praticamente uma relação causa/efeito entre a manipula-

ção do amianto, usado na indústria de produção de telhas, de caixas d’água e materiais de freio, para a indústria automobilística, e o câncer de pulmão. Há outros produtos, como o benzeno, produtos usados em tintura de cabelo, alisamento. São vários produtos que têm relação forte de risco entre uso e aparecimento de câncer.

3 Esse estudo serve de alerta ao trabalhador?
Claro. Os trabalhadores precisam tomar consciência de que, por meio de medidas de proteção, é possível reduzir o câncer na sua atividade. Mas ele também tem de reivindicar políticas públicas e melhorias no sistema de informação.

da construção civil, indústria do petróleo, entre outras.

Aponta também a dificuldade de se obter dados a respeito da ocupação dos pacientes. Ubirani

levantou por exemplo estatísticas sobre câncer de bexiga com base no cadastro integrado dos Registros Hospitalares de Câncer, entre 2008 e 2010. Nesse período, hospitais relataram 2.426 casos da doença – em 46,2% não havia informações sobre o tipo de trabalho exercido.

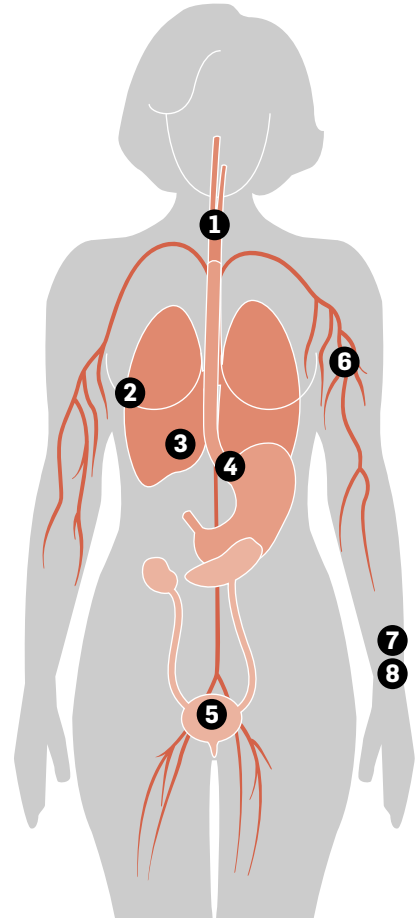
“Não basta saber a ocupação atual, mas também a atividade pregressa. Só com informações corretas vamos conseguir relacionar câncer à ocupação”, diz Ubirani. Segundo ela, o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), do Ministério da Saúde, tem apenas 128 registros de câncer relacionado ao trabalho. O estudo propõe a adoção de um questionário ampliado sobre a ocupação e o tempo de serviço na atividade de risco.

O professor de Epidemiologia da Universidade de São Paulo Victor Wünsch defende que o governo defina metas para a redução dos riscos no trabalho: “Desse casos ligados à ocupação, estima-se que metade seja de pacientes com câncer de pulmão. É extremamente grave porque não temos tratamentos eficazes até o momento para esse câncer. Temos de fazer a prevenção”.

O diretor do Departamento de Vigilância em Saúde Ambiental do Ministério da Saúde, Guilherme Netto, considerou o documento “absolutamente estratégico”, mas reconheceu que levará alguns anos até que as diretrizes possam ser implementadas no País.

CÂNCER E TRABALHO

● Levantamento relaciona casos mais comuns de tumores ligados à profissão do paciente



FONTE: INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER (INCA)

AGENTES	1 Cavidade oral/faringe e laringe Agrotóxicos, asbesto (amianto), formaldeído, fuligem de carvão, óleo de corte, poeira de madeira, de couro de cimento, cereais, de tecidos, sílica e solventes orgânicos	2 Mama Agrotóxicos, benzeno, campos eletromagnéticos de baixa frequência, campos magnéticos, compostos orgânicos voláteis, hormônios e dioxinas	3 Pulmão Asbesto, arsênico, asfalto, cádmio, chumbo, emissão de forno de coque e de gases combustíveis, fuligem, gases, poeiras de: carvão, madeira, rocha/quartzo e de cimento	4 Estômago e do esôfago Poeiras da construção civil, de carvão e de metal, vapores de combustíveis fósseis, óleo mineral, herbicidas e ácido sulfúrico
	Ocupações Açougueiro, cabeleireiro, carpinteiro, encanador, instalador de carpete, mecânico de automóvel, mineiro, moldador e modelador de vidro, oleiro e pintor	Ocupações Cabeleireiro, operador de rádio e telefone, enfermeiro e auxiliar de enfermagem, comissário de bordo e trabalhador noturno	Ocupações Encanador, electricista, mecânico de automóvel, mineiro, pintor, soldador, trabalho na conservação de couro, trabalho na limpeza e manutenção	Ocupações Engenheiro electricista e mecânico, trabalhadores de extração de petróleo e motoristas
AGENTES	5 Bexiga Aminas aromáticas, benzeno, benzidina, cromo/cromatos, fumo e poeira de metais, agrotóxicos, hidrocarboneto policíclico aromático (HPA), óleos e petróleo	6 Leucemias e mielodisplasias Acrinonitrila, aminas aromáticas, agrotóxicos, benzeno butadieno, compostos halogenados, óxido de metais, radiação, solventes e tricloroetileno	7 Pele não melanoma Arsênico, alcatrão, creosoto, fuligem, hidrocarbonetos policíclicos, luz solar, óleo mineral, radiação ultravioleta e ionizante	8 Pele melanoma Campo eletromagnético, radiação ultravioleta e sol
	Ocupações Cabeleireiro, maquinista, mineiro, metalúrgico, motorista de caminhão, pintor, trabalhador de ferrovia, trabalhador em forno de coque e tecelão	Ocupações Trabalhador do setor elétrico e trabalhador da cadeia de petróleo	Ocupações Agentes de saúde, carteiro, pedreiro, pescador, salva-vidas, guarda de trânsito, trabalhador rural e vendedor	Ocupações Carteiro, farmacêutico, instalador de telefone, mineiro, químico, operador de telefone, piloto de avião e serralheiro elétrico

INFOGRAFICO/AE

Spike Lee

CINEASTA DEFENDE COTA PARA NEGROS

‘EUA estão 20 anos à frente nesta questão’

Flavia Guerra

A pergunta é óbvia, mas merece resposta adequada: de onde surgiu a ideia de filmar um documentário sobre o Brasil? “Inicialmente a ideia era filmar outro país. Mas a gente repensou e, diante do momento que o Brasil está passando, tanta história acontecendo neste momento, primeira mulher presidente, tornando-se uma potência mundial, preparando-se para a Copa, as Olimpíadas... E eu

gosto do Brasil. É motivo suficiente, não?”, declarou o diretor norte-americano Spike Lee em entrevista ao *Estado* ontem, em São Paulo, pouco antes de concluir as filmagens da primeira etapa de seu novo documentário: *Go, Brasil, Go* (Vai, Brasil, Vai).

Em apenas uma semana, o diretor visitou São Paulo, Brasília e Rio, encontrou-se com 30 personalidades e entrevistou boa parte delas – do ex-presidente Lula à presidente Dilma Rousseff, passando pelo ministro do STF Joaquim Barbosa e uma série de artistas e personalidades da cena cultural brasileira, como

Caetano Veloso, Criolo, Emanoel Araújo, Frei David, Gilberto Gil, Lázaro Ramos e Zóximo Bulbu, entre outros.

Pelo número de afrodescendentes da lista, muitos deles ativamente pela igualdade racial no Brasil, presume-se que o filme, como é de costume nos trabalhos de Spike Lee, tocará no tema da exclusão social e racial. “Claro que vai falar desta questão. Mas não vai ser sobre isso. Tampouco vai ser um filme da câmara de comércio brasileira. Vai ser equilibrado, ter o lado bom e ruim”, afirmou o diretor, que visitou o Supremo Tribunal Federal (STF) no exato dia em que se julgava a legalidade do sistema de cotas raciais nas universidades públicas.

Lee é declaradamente a favor: “Há um erro de avaliação de quem é contra. Não é que vão buscar negros desqualificados na favela para entrar na universidade. Vão pegar os qualificados e aí sim colocá-los na escola”, afirmou

ele, que acredita que os EUA estão à frente do Brasil quando o assunto é inclusão racial. “Os dois países tiveram escravidão, mas acho que os EUA estão uns 20 anos à frente nesta questão.”

Para ele, “descobrir a cor do Brasil” foi uma das grandes surpresas no processo de filmagem. “Já tinha vindo ao País outras vezes. Além da minha primeira visita em 1987, para mostrar meu primeiro filme no Festival do Rio, depois voltei para filmar com Michael Jackson no Morro Dona Marta. E fui descobrindo que o Brasil é também um país negro”, contou ele. “Se você é como a maioria dos americanos, que não viaja, que vê o mundo pela TV, vai ligar a TV aqui e achar que este é um país de gente loira de olhos azuis – enquanto os 50% dos brasileiros são negros. Foi a grande surpresa. Este país está descobrindo sua identidade.”

Após passar por Brasília e Rio, Lee voltou com sua equipe a São



EPITACIO PESSOA/AE

Pesquisa. ‘Brasil está descobrindo sua identidade’, diz Lee

Paulo ontem pela manhã para entrevistar Neymar e Tom Zé, no Museu do Futebol, no Pacaembu. “Estou super animado para conhecer o Neymar. Ele marcou três ontem. Deve estar de ótimo humor”, comentou o diretor, que depois receberia uma camisa autografada do jogador.

A equipe, que no Brasil conta com a produção da Paranoid Filmes (de Heitor Dhalia e Tatiana Quintella) e direção de fotogra-

fia de Cesar Charlone (de *Cidade de Deus*), voltou a Nova York ontem e deve retornar em julho para outra etapa de filmagens. “Devemos voltar mais quatro ou cinco vezes. Há muito a descobrir, muitos para entrevistar. Não será um documentário sobre gente famosa falando do Brasil, mas de gente comum também. Queremos lançar antes da Copa do Mundo.”